

A MÉDICA TRÓTULA DE RUGGIERO (1050-1097): A PRIMEIRA COM SEU LEGADO ATINGIDO PELA MISOGINIA NA HISTÓRIA DA MEDICINA

ARGUS VASCONCELOS DE ALMEIDA³

RESUMO: É objetivo do presente trabalho, expor e analisar a contribuição de Trótula para a saúde feminina, sua formação teórica e suas práticas terapêuticas no contexto da Escola Médica de Salerno. Através de uma revisão da literatura, podemos concluir que apesar das sua relevante contribuição ao conhecimento da saúde feminina, especialmente aos relacionados à ginecologia, obstetrícia, sexualidade e estética, o seu legado foi atingido pela misoginia que tentou apagá-la da história da medicina, sendo depois finalmente reconhecida pela história.

PALAVRAS-CHAVE: Trótula de Ruggiero; Escola Médica de Salerno; saúde feminina; misoginia.

ABSTRACT: The objective of this work is to expose and analyze Trotula's contribution to women's health, its theoretical training and its therapeutic practices in the context of the Medical School of Salerno. Through a review of the historical literature, we can conclude that despite its relevant contribution to the knowledge of women's health, especially those related to gynecology, obstetrics, sexuality and aesthetics, its legacy was affected by the misogyny that tried to erase it from the history of medicine, and then finally recognized by history.

KEYWORDS: Trotula's Ruggiero; Medical School of Salerno; women's health; misogyny.

3 Doutor em Psicologia Cognitiva pela UFPE.

Introdução

Há referências ao ensino da medicina em Salerno já no século IX, porém a sua institucionalização só se deu em 1075, graças a Constantino, o Africano, (Cartago, 1020 – Monte Cassino, Itália, 1087) tradutor de textos médicos gregos e islâmicos e a primeira figura importante na transmissão da ciência greco-arábica para o Ocidente.

Constantino apresentou-se ao mundo latino, por meio de suas traduções, um novo conjunto de textos assentados no pensamento árabe em matéria médica, com grande tônica em sexualidade, anatomia, fisiologia humana (CADDEN, 2003, *apud* OLIVEIRA E PINHO; BROCHADO, 2020). Encontrar-se-ão disponíveis: *Pantegni*, *Viaticum*, *De coitu* e *De spermate* (JACQUART; THOMASSET, 1989, *apud* OLIVEIRA E PINHO; BROCHADO, 2020). Sua contribuição para a aprendizagem médica foi tão relevante que a repercussão de suas traduções e de suas obras autorais transcendem o século XI.

As fusões entre a tradição médica da comunidade de Salerno com as obras de Constantino testemunham como o ensino da filosofia natural e da medicina migraram dos mosteiros para o centro urbano. A influência de Constantino torna-se evidente nos trabalhos médicos salernitanos.

A cultura árabe foi imprescindível para a medicina ocidental. Com advento do islamismo (século VII), os árabes se expandem geograficamente entrando em contato com várias culturas, passando a conhecer os escritos antigos e traduzi-los para o árabe. Os árabes se notabilizaram como propagadores e catalisadores das transformações científicas que se seguiram. Não receberam a tradição galênica de forma passiva, mas a modificaram enriquecendo-a com seus avanços em química, farmácia, botânica e administração de hospitais. Entre os manuscritos traduzidos para o árabe estavam textos desaparecidos de Ptolomeu, Euclides, Galeno e tantos outros provenientes das ciências antigas. É esta cultura árabe que irrompeu no Ocidente feudal em torno do século XI. Nas traduções minuciosas dos textos de Hipócrates, de Galeno e dos bizantinos, que residiu o grande mérito dos árabes. Assim, proceder-se-á ao retorno do patrimônio greco-romano para o Ocidente pelo viés das traduções do árabe para o latim (OLIVEIRA E PINHO; BROCHADO, 2020).

O tratado *De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum*, atribuído à renomada Trótula de Ruggiero, será profundamente influenciado por *Viaticum*, obra do médico tunisiano Ibn al-Jazzar. Dividido em sete livros versando sobre etiologia e terapêuticas, o sexto livro dedica-se exclusivamente às doenças dos órgãos reprodutivos. *De passionibus*, juntamente com *De curis mulierum* e *De ornatu mulierum*, serão os “mais importantes textos sobre medicina da mulher na Europa ocidental medieval” (GREEN,

2001).

A medicina árabe afirmou-se ainda mais na Europa, no século XII. Das oficinas de tradução de Toledo, Guerardo de Cremona trouxe ao Ocidente latino duas sumas da medicina árabe: o *Cânone da Medicina*, escrito em árabe por Avicena, no início do século XI, e o *Liber ad Almansorem*, de Rhazes, escrito no século IX. O “Cânone da medicina” é uma enciclopédia médica de 14 volumes escrita pelo persa Ibn Sina (Avicena) é uma detalhada e monumental obra em medicina.

Ainda que tenha estudado as teorias clássicas e a medicina árabe, a influência da medicina de Galeno estava muito presente em Avicena. O *Cânone* não se trata de uma mera teoria de várias fontes. É uma síntese que incorpora tanto a filosofia platônica, quanto a filosofia natural de Aristóteles, tanto a sabedoria persa, quanto os saberes de autores árabes, bem como a visão de Avicena sobre as teorias galênicas. É um veículo para a transmissão do que se denominará de nova medicina árabe (THOMASSET, 1990 *apud* OLIVEIRA E PINHO; BROCHADO, 2020). No início do século XIII, o *Cânone* já é amplamente conhecido nas faculdades de medicina da Europa, tornando-se ao final do século, parte essencial dos currículos.

Além disso, sempre é bom lembrar que enquanto o conhecimento e a ciência floresciam entre os árabes, a Europa vivia em obscurantismo. Graças aos árabes muito do conhecimento foi salvaguardado e aprimorado para depois ser transmitido aos europeus e ao Ocidente, possibilitando um novo despertar da humanidade e do chamado mundo civilizado. De um polo a outro, de um século ao outro até os dias atuais, foram os conhecimentos adquiridos e desenvolvidos pelos árabes e posteriormente incorporados pelos Europeus que fizeram ampliar os conhecimentos que transcenderam épocas, fronteiras e línguas. Aos árabes devemos muito da nossa ciência atual e um lugar de destaque deve ser reservado a este conhecimento. Essa herança universal e humanista está em todo o conhecimento científico gerado pelos árabes. Esta é uma história que devemos sempre lembrar (SMAILI, 2009).

A Escola Médica Salernitana manteve a tradição cultural greco-romana, combinando-a harmoniosamente com as culturas árabe e judaica, e acolhia estudantes de todos os credos e sexos (eram aceites mulheres tanto como alunas como professoras, fenômeno muitíssimo inovador para a época). Este encontro de diferentes culturas levou ao surgimento do conhecimento medicinal a partir da síntese e da comparação de diferentes experiências. Na Escola, além do ensino da medicina existiam cursos de filosofia, teologia e direito. É de salientar que ao longo do tempo, a influência da Igreja Católica na escola de Salerno declinou progressivamente até desaparecer por completo. Diferente de outras instituições da Europa medieval, a escola não restringia o acesso das mulheres à ciência. Ao contrário,

a escola chegou a abrigar um grupo de estudantes e mestras conhecido como “As Damas de Salerno”.

Em Salerno, a partir de 1273, a legitimidade da prática médica por parte de mulheres foi autorizada. Nomes como Margherita, Vigorita, Trotta, Mabilia, Polisen, Grazia, Isabella, Gemma, Adelia, Maria Incarnata, Venturella, Gallicia, Raymunda, Clarice, Francesca, foram mulheres habilitadas para exercer a medicina e a cirurgia, em claro contraste com as universidades que surgiram depois, onde a presença feminina era proibida até finais do século XIX (TERRIZZANO, 2018).

É objetivo do presente trabalho, expor e analisar a contribuição de Trótula para a saúde feminina, sua formação teórica e suas práticas terapêuticas no contexto da Escola Médica de Salerno.

A prática médica de Trótula

A médica Trótula De Ruggiero (1050-1097) (ou Trótula de Salerno, como era também conhecida), foi a primeira mulher a estudar na Escola Medica Salernitana, no século XI, adquiriu grande autoridade e reconhecimento em todo período medieval. Dedicou-se ao conhecimento da saúde feminina, especialmente aos relacionados à ginecologia, à obstetrícia, à sexualidade e à estética. Para ela, assim como hoje, a cura estética não representava um aspecto frívolo, ao contrário, a beleza de uma dama fazia com que a sua filosofia natural inspirasse a arte médica do tempo como um símbolo de corpo saudável em harmonia com o universo (MASIERO, 2016). Mas, por muito tempo, a trajetória de Trótula de Ruggiero permaneceu silenciada pela historiografia.

No entanto, nenhum dos autores salernitanos abriu novos caminhos dentro da categorização de doenças ginecológicas. Os escritos médicos assinados por homens trouxeram muito pouca inovação à ginecologia e à obstetrícia e demonstraram escassas noções da fisiologia e anatomia do corpo feminino. A inovação, neste campo, virá pelas mãos de Trótula de Ruggiero (GREEN, 2001).

Do século XII ao XVI, os mais populares tratados em doenças, problemas médicos e cosméticos da mulher eram atribuídos à Trótula. *De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum*, versando sobre ginecologia, obstetrícia e puericultura; *De curis mulierum*, sobre amplas preocupações de ordem médica e *De ornatu mulierum*, abordando questões dermatológicas e cosméticas. Os três tratados circularam individualmente ou reunidos no compêndio denominado *Summa que dicitur Trótula*. Seguidamente copiados e traduzidos para inúmeras línguas vernáculas, foram a principal referência sobre ginecologia

e obstetrícia disponível ao ensino e à prática médica (OLIVEIRA E PINHO; BROCHADO, 2020).

A preparação teórica de Trótula tomou por base os estudos de Hipócrates (460-377 a.C.), Galeno (129-200 d.C.), Dioscórides (40-90) e Oribásio (325-403 d.C.), primordialmente. Esse conhecimento científico caminhou lado a lado com os exemplos práticos que teceu (OLIVEIRA E PINHO; BROCHADO, 2020).

A ideia de equilíbrio é um traço característico dos textos hipocráticos, assentado no entendimento de que o corpo e sua fisiologia, as doenças e a saúde têm que estar balanceadas. A principal função de um médico é restaurar o equilíbrio do enfermo que se apresenta de forma diferente entre homem e mulher. Esta concepção pressupõe a ideia de polaridades, quente e frio, úmido e seco, que explicam a fisiologia humana de forma geral. Estas definições aparecem nos trabalhos de Hipócrates mais concretamente no esquema dos quatro humores: cólera (quente), fleumático (frio), bile negra (seco) e sangue (úmido).

Seguindo a teoria dos humores de derivação hipocrático-galênica, Trótula reconhece a menstruação como uma purgação necessária para manter o equilíbrio da saúde da mulher. Um terço do conteúdo de *De passionibus mulierum* é dedicado às patologias derivadas da retenção ou do excesso da menstruação (GREEN, 2001).

De passionibus mulierum procurou assimilar a medicina árabe. É fortemente embasado em *Viaticum*, obra do médico tunisiano Ibn al-Jazzar, que em grande parte traduz o pensamento médico de Galeno (GREEN, 2001). Conceitos como do movimento uterino, diagnóstico para uma série de doenças da mulher, refletem a sobrevivência dessas noções da fisiologia da mulher da Antiguidade e indicam que Trótula adere à medicina hipocrática resgatada pela cultura árabe. Ao indicar como terapêutica a formulação de Oribasius de Pérgamo, o mais importante médico bizantino do século IV, demonstra que se apoia em fontes diversas - característica da medicina de Salerno. Um grande arsenal de procedimentos terapêuticos, para tratamentos das doenças ginecológicas, foi herdado da medicina prática grega: flebotomia (retenção menstrual, constipação e tumores uterinos), terapia odorífera (movimentos uterinos), aplicação de fumigação na genitália (dor uterina) (GREEN, 2001).

Um dos princípios da tradição hipocrática que permeiam o *De curis mulierum* é que a regular atividade sexual necessária para a saúde da mulher, sendo que transtornos psicológicos podem advir da abstinência sexual.

A frequente indicação de banhos com fins medicinais ou cosméticos está tanto associada à tradição latina da cultura da água, observada nos banhos públicos romanos, como uma

terapêutica recomendada nos textos gregos de Galeno. Seguindo a tradição islâmica, muitas ervas e especiarias eram incorporadas aos banhos, às fumigações e às terapias odoríferas.

A filosofia hipocrática, segundo a qual a beleza é o sinal de um corpo saudável e em harmonia com o universo, é o fundamento do tratado *De ornatu mulierum* cuja a tônica é a beleza feminina. Em especial, reflete o lado empírico da medicina salernitana. A interação entre cristãos e muçulmanos, observa-se nas práticas cosméticas utilizadas por mulheres sarracenas e no referencial de beleza almejado. Ademais, a única fonte expressa das terapias oferecidas é a cultura muçulmana (GREEN, 2001).

Em relação à sexualidade feminina, Trótula, indo de encontro à moralidade de sua época, em que era tabu falar de certos assuntos sexuais, escreveu um capítulo intitulado “como restringir a vagina de modo que, mesmo violada, pareça virgem”, mais adiante, prescreve como aliviar o desejo sexual das mulheres que por razões diversas não podem manter relações sexuais, como escreve:

Existem mulheres que estão proibidas de ter relações sexuais, ou porque fizeram voto de castidade, ou porque estão ligadas à uma condição religiosa, ou porque ficaram viúvas. Para algumas, não é permitido mudar de condição e, apesar de quererem a relação sexual, não a praticam, porque estão sujeitas a graves doenças. Para essas se sugere o seguinte: pegue algodão embebido em óleo de musgo ou de hortelã e aplique-o sobre a vulva. No caso de não dispor desse óleo, pegue um pouco de vinho quente e aplique-o sobre a vulva, com o bastão de algodão ou lã. Isso é um bom calmante e amortece o desejo sexual, aplacando a dor e o prurido” (TROTULA apud SIMONI, 2012, p. 6).

Outra prescrição de Trótula para a geração de meninos:

Se você quiser ter um menino, dê a seu marido o útero e a vagina de uma lebre. Diga isso e misture o pó com vinho e peça que ele beba. Da mesma forma, faça a mulher comer testículos de lebre, e no final de sua menstruação ela se deitará com o marido e um menino será concebido. Outro, dê à mulher o fígado e os testículos do único porco que nasceu de uma porca, secos e reduzidos a pó, e dados para beber ao homem que não é capaz de gerar e ele gerará, ou a mulher e ela vai conceber (TROTULA apud GREEN, 2001, p.95).

O esforço de apagamento do nome de Trótula da medicina

Do ponto de vista histórico da medicina, ao longo do tempo, foi comumente aceito que as mulheres ficaram à sombra de um mundo dominado pelo conhecimento masculino, a tendência atual é a de revisão desse paradigma misógino e androcêntrico.

Após a morte de Trotula, o machismo predominou na Escola de Salerno a ponto dos médicos desta Escola, apesar de usarem seus textos, mudarem sua identidade, que passou a ter nome, ou melhor, um cognome de homem - “Trotula, o Médico”, ou simplesmente passaram a defender a ideia de que ela sequer existiu, que não passava de uma figura fictícia.

Nos séculos XIII e XIV, sua existência foi muitas vezes questionada por médicos e escritores homens. Trótula e outras pesquisadoras de Salerno foram desmoralizadas e rotuladas de bruxas e charlatãs. Suas obras chegaram a ser atribuídas a autores do sexo masculino. No século XIX, historiadores negaram a possibilidade de que uma mulher poderia ser responsável por tratados médicos tão relevantes. Só no final do século XIX sua autenticidade foi recuperada por outros historiadores.

Algo semelhante acontece com o trabalho médico de Hildegard de Bingen, uma abadessa, mística e cientista alemã do século XI, uma das poucas mulheres a ser nomeada doutora da Igreja. Impossível duvidar de sua existência e autoridade, os pesquisadores duvidaram de sua autoria médica concreta, considerando que deveria ser a cópia de uma obra masculina sob argumentos tão pueris como considerando que respondia a um intelecto “viril”. Ainda hoje alguns autores duvidam que ela tenha sido a autora de todas as suas obras médicas.

Não é só o machismo e o conceito predominante de que “ciência é coisa de homem” que afastam as mulheres da ciência. Existe um preconceito real contra reconhecer as contribuições de mulheres para pesquisas, cujos trabalhos frequentemente são atribuídos aos colegas homens. É tão real que tem até nome: “Efeito Matilda”, em homenagem à ativista norte-americana Matilda Gage (1826-1898), no ensaio “Woman as an inventor” (A mulher enquanto inventora), publicado em 1883, no qual ela elenca contribuições femininas à ciência e à tecnologia e mostra como, ao longo da história, muitas delas foram atribuídas a homens.

Os fundamentos aristotélico-galênicos sobre a inferioridade feminina

Os postulados de Aristóteles (384-322 a. C.) acerca da geração das espécies animais, incluindo o gênero humano, foram de fundamental influência na formação do tradicional antifeminismo clássico. Tais postulados podem ser encontrados, de forma consistente,

em *De generatione animalium* (Sobre a geração dos animais), cujos princípios fisiológicos tiveram considerável impacto mais tarde, principalmente a partir do século XII.

Nos seus comentários sobre as secreções procriadoras produzidas pelo macho e pela fêmea, Aristóteles chega aos seus famosos postulados binômicos “matéria / corpo” e “forma / alma”; realidades que, respectivamente, caracterizariam, na geração dos descendentes, a contribuição da propriedade formativa e animadora do sêmen do macho, altamente nutriente por causa da sua superdotada natureza calorífera, e a contribuição da propriedade passiva e não formativa do resíduo nutriente feminino, mais frio em sua natureza constitutiva:

Por agora está claro que a contribuição que a fêmea faz para a geração é a matéria nela usada, que esta é encontrada na substância que constitui o fluido menstrual, e finalmente, que o fluido menstrual é um resíduo. [...] Uma mulher é como se fosse um homem infértil; a fêmea, de fato, é fêmea devido a uma espécie de inabilidade, falta-lhe o poder da preparação do sêmen num estado final de nutrição [...] por causa da frieza da sua natureza. O macho provê a forma[□] e o princípio do movimento (ARISTOTLE, 1963, pp. 101-103).

Isto é, a fêmea provê o corpo, em outras palavras, o material.

Aristóteles deixa claro que o fraco resíduo seminal da fêmea é responsável pela produção de machos deformados, isto é, de descendentes do sexo feminino, pois a eles lhes faltava o princípio da alma, que é somente encontrado, de forma íntegra, no sexo masculino. Portanto, a não produção de machos parece ser devida, em princípio, à espécie de atuação da fêmea genitora:

Quando o sêmen entra no útero, ele fixa[□] o resíduo produzido pela fêmea e imprime nele o mesmo movimento com o qual ele próprio é dotado. A contribuição da fêmea, claro, é um resíduo também [...] e contém todas as partes do corpo potencialmente, embora nenhuma em atualidade; e „todas[□] inclui aquelas partes que distinguem os dois sexos. Da mesma forma que, às vezes, acontece de descendentes deformados serem produzidos por pais deformados e, às vezes, não, assim os descendentes produzidos por uma fêmea são, às vezes, fêmeas, às vezes, não, mas machos. A razão é que a fêmea é como se fosse um macho deformado, e a descarga menstrual é sêmen, embora numa condição impura; i. e., falta-lhe um constituinte, e somente um, o princípio da Alma (ARISTOTLE, 1963, pp. 173-175).

Nessa breve apresentação de pronunciamentos de Aristóteles sobre a fêmea, pode-se perceber uma acusação do feminino em relação à sua incapacidade de processar o seu sangue em um estado final de nutrição seminal. Isto devido à insuficiência de calor que caracteriza a sua natureza de fêmea. É por essa razão que o fluido menstrual é uma espécie de sangue seminal em condição impura, faltando-lhe o princípio da alma. Uma vez que, desde a tradição aristotélica, tal funcionamento do corpo feminino foi visto assim de forma tão negativa, a menstruação tornou-se tema e preocupação de sujidade e impureza, interligando a medicina, a religião e a cultura medievais.

Na esteira aristotélica, centrada na ideia da inferioridade biofisiológica da mulher, Galeno (131-201) desenvolveu interessantes pontos de vista acerca da deformidade anatômica da genitália feminina. Ao comentar, em seu *De usu partium* (Sobre as utilidades das partes do corpo) acerca da diferença de temperatura entre o sexo feminino e o masculino, ele acreditava que o calor, em bom excesso nos machos e ruim deficiência nas fêmeas, seria o responsável pela deformada formação genitálica destas.

Com isso, é claro, a fêmea deve ter testículos menores e menos perfeitos, e o sêmen gerado neles deve ser mais escasso, mais frio e mais úmido (porque essas coisas também acontecem necessariamente devido ao calor deficiente). Certamente, tal sêmen seria incapaz de gerar um animal. [...] Os testículos do macho são maiores à medida que ele é um animal mais quente. O sêmen gerado neles, tendo recebido o máximo de refinamento, torna-se o princípio eficiente do animal. Então, de um princípio planejado pelo Criador em sua sabedoria, aquele princípio, de acordo com o qual a fêmea foi feita menos perfeita do que o macho, derivaram todas estas coisas úteis para a geração do animal: que as partes da fêmea não podem escapar para fora; que ela acumula um excesso de nutriente útil, e tem sêmen imperfeito e um instrumento oco para receber o perfeito sêmen; que, uma vez que, tudo no macho é o oposto (daquilo que está na fêmea), o membro do macho foi alongado para estar mais apropriado para o coito e para a excreção do sêmen; e que este sêmen foi feito grosso, abundante e quente (GALEN, 196, pp.630-632).

Esses comentários, apresentam a imagem do sexo feminino em geral, e da mulher em particular, numa posição de discriminada inferioridade em relação ao homem. Tais comentários serviram de base para a formação de um antifeminismo tradicional, cujas marcas mais profundas de ultraje misógino apareceram durante a Idade Média, especialmente no pensamento religioso.

Para Aristóteles, em sua tentativa de explicar a geração dos animais, o esperma é um

resíduo de alimento que se acumula nas partes sexuais. Assim, ocorre uma fraqueza após a menor emissão de esperma, como se o corpo fosse privado do produto final da comida. Mas se o esperma for abundante, pode causar relaxamento, especialmente em pessoas jovens. Esse alívio também ocorre porque outros resíduos saem junto com os espermatozoides, que são substâncias mórbidas. O esperma é, então, a forma final do alimento processado, e o sangue também é um resíduo do alimento processado, com o qual Aristóteles conclui que o esperma é sangue, ou análogo ao sangue ou a um produto dele derivado. O referido sangue recebeu um cozimento, diferindo do sangue pela cor, mas quando não ocorreu, o sangue é expelido, como quando ocorrem excessos venéreos que não dão tempo para que ocorra o cozimento. A mulher de menos calor em sua conformação, produz um resíduo sanguinolento, que se chama secreção menstrual (ARISTOTLE, 1963).

Portanto, é evidente que a menstruação é um resíduo, que tem analogias com o sêmen dos homens. Portanto, produz uma fraqueza como no homem, se possível maior, pois eles expulsam os espermatozoides mensalmente, por isso não podem crescer tanto e ficam muito mais fracos. Nessa perspectiva, é fácil deduzir que não é possível a produção de duas secreções espermáticas distintas no mesmo ser, o que conclui que a mulher não contribui para a emissão de espermatozoides na geração, pois, “se ela emitiu esperma, ela não teria menstruação “ (ARISTOTLE, 1963).

Na realidade, o fato de ocorrer a menstruação implica que ela não pode ter espermatozoides (visão que perdurará até a chegada dos textos médicos árabes: Avicena, Rhazes, Constantino, o Africano etc., o que refutará essa teoria). Assim, é evidente que para Aristóteles a mulher contribui para a geração dando matéria, e que essa matéria é o que constitui a menstruação, sendo o fluxo menstrual um resíduo.

A mulher será caracterizada por uma impotência: a encarregada de transformar o sangue em espermatozoides da comida feita por falta de calor de sua natureza. Assim, tal como nos intestinos a falta de cozedura dá diarreia, nas veias a mesma causa produz fluxos sanguíneos, hemorroidas e menstruação: “porque são como as hemorroidas, a diferença é que estas últimas são por doença, enquanto a menstruação é natural.” Quando essas secreções de resíduos são feitas moderadamente, elas têm um efeito saudável no corpo, pois dessa forma ocorre uma evacuação de resíduos que são causa de desconforto para o corpo. Pelo contrário, quando não ocorrem ou são muito abundantes, o efeito é pernicioso: resulta em doença, ou enfraquecimento do organismo ... (ARISTOTLE, 1963).

Para esta escola científica, a mulher é imperfeita e, portanto, inferior ao homem; mas no mundo grego, onde essa ideia se configura, ninguém falava das mulheres como um potencial venenoso, capaz de matar a si mesma ou a quem a rodeia. Quando este conceito de imperfeição entrar em contato com a nova filosofia cristã que se impõe no Ocidente e com

certas tradições populares, a imperfeição das mulheres será imediatamente relacionada à tradição bíblica da impureza (Levítico), dando origem a novas possibilidades interpretativas de diferenças biológicas entre os dois sexos (CANET VALLÉS, 1996).

A misoginia medieval

Entre os mais célebres doutores da Igreja a misoginia foi marcante, tal como aconteceu com Santo Isidoro de Sevilha, Santo Alberto Magno e os monges inquisidores dominicanos Kramer e Sprenger.

Escreve Santo Isidoro de Sevilha (560-636) na sua obra *Etymologiae*:

Um homem é chamado Vir porque existe mais valor (virtus) nele do que na mulher. Daí também ele obtém o nome coragem ou, ainda mais, porque ele governa suas mulheres por força (vi). Mulier, a Mulher, é derivada de “fraqueza”, uma vez que “mollior” (mais fraco), com uma letra suprimida ou mudada, torna-se “mulier”. Elas são diferenciadas do homem tanto em coragem quanto em imbecilidade do corpo. O homem tem maior capacidade, mulher, menor, com a finalidade de que ela deve se submeter a ele: isto é, a fim de que, com as mulheres sendo difíceis nisso, a luxúria não deva compelir os homens a procurar em outro lugar e se prostituir com outro sexo. Ela é chamada “mulier” devido à sua feminilidade e não por causa da sua fraqueza em ter a sua castidade corrompida, porque a palavra do Espírito Santo é: “E Eva foi subitamente feita da parte do lado do seu homem”. Não pelo contato com o homem ela é chamada “mulier”. As Escrituras dizem: E ele (Deus) a formou em uma mulher (ISIDORE, 1962, pp.17-19).

Mais adiante, escreve Santo Isidoro sobre a menstruação:

A menstruação é o sangue supérfluo das mulheres. É chamada de menstruação por causa do ciclo lunar, momento que geralmente medeia a repetição do fluxo; pois em grego “lua” é dito “mene”. Em contato com esse sangue, os frutos não germinam; os mostos azedam; as ervas estão murchas; as árvores perdem seus frutos; o ferro é corroído pela ferrugem; bronzes ficam pretos. Se os cães comem algo que entrou em contato com ele, eles ficam com raiva. E o asfalto betuminoso, que não se dissolve com ferro ou água, esmigalha-se a ponto de respingar com esse sangue. Após vários dias de menstruação, o sêmen não é fertilizável devido à falta de sangue menstrual que pode irrigá-lo (ISIDORE, 1962, pp.23-24).

Apesar de ter sido originariamente abordada por Plínio, o Velho (23-79) foi, a partir de Isidoro de Sevilha, que essa verdadeira litania da desgraça do sangue menstrual entrou no imaginário das superstições medievais, adquirindo recrudescida virulência no final da Idade Média, quando a mulher passa a ser objeto de um obsessivo processo de demonologização (FONSECA, 2010).

Segundo Almeida (2016), estavam presentes no pensamento médico da época, e muitas vezes reforçada pela tradição médico-popular e principalmente religiosa, as representações da mulher e do corpo feminino apresentavam-se disseminadas em grande parte das obras e tratados médicos produzidos no curso do século XIII. Dentre os exemplos mais significativos desta influência figura o *De secretis mulierum* (“Segredo das mulheres”). Atribuído a Alberto Magno (1206-1280) ou a um de seus discípulos, este tratado teórico congregou as principais correntes de pensamento médico e filosófico do período.

A constituição da mulher no *De secretis*:

Porque uma mulher é fria por natureza, com calor insuficiente para digerir todo o alimento que é consumido, todo dia uma quantidade de fluido excessivo é armazenada, e este excesso deixa o corpo todo mês, como tem sido mostrado. O fluxo menstrual na mulher, como o esperma no homem, não é nada além de excesso de fluido do alimento que não foi transformado em substância no interior do corpo. Alguém pode perguntar, se os homens têm uma terceira digestão, por que eles não têm período menstrual? A resposta é que a terceira digestão ocorre no fígado, onde a maior quantidade de calor queima nos homens e por esta razão nenhuma impureza é deixada. Contudo, na mulher o calor é fraco, e então restam fluidos excessivos (MAGNUS, 1648, p. 64).

A ideia de nocividade do fluxo, de sua transformação em alimento durante e após a gestação e a concepção de inversão do aparelho reprodutor feminino em relação ao masculino também estavam presentes no *De secretis*:

A razão para isto é que as mulheres são totalmente venenosas no período de sua menstruação que elas envenenam animais pelo seu olhar; elas infectam crianças no berço; elas mancham o mais limpo espelho; e sempre que um homem tiver relações sexuais com elas, elas produzem leprosos e algumas vezes cancerosos. Alguém pode perguntar por que a menstruação não flui em mulheres grávidas. A resposta é que a menstruação é convertida no interior em alguma coisa, para tanto o texto diz que duas veias vão do útero para os seios, e então o fluxo menstrual é transferido para os seios, onde ele é cozido e adquire a forma de leite, e

retorna pelas veias para nutrir o feto no útero da mãe. (...) a mulher e o homem certamente tem membros similares com respeito existência de vida, mas não com respeito ao ato da geração. Contudo, de acordo com os médicos apesar da mulher não ter seus genitais para fora, ela entretanto tem seus testículos internos ligados ao útero por trás, e uma veia espermática como o homem tem (MAGNUS, 1648, p. 67).

Na célebre obra *Malleus maleficarum* (de 1484) (“O martelo das bruxas”) os demonólogos Kramer e Sprenger escreveram que mulheres “por serem mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria”. Para eles, a própria etimologia da palavra “feminino” bem explicaria a natureza da mulher, pois “femina” compõe-se de “fé” e “minus”, significando “pouca fé”. Para estes a conduta das mulheres poderia ser explicada por uma característica “anatômica”, pois: “convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente” (KRAMER; SPRENGER, 2011, p.47).

Segundo a historiadora e antropóloga Yolanda Beteta Martín (2009) a misoginia medieval foi consolidada pelo discurso religioso, recuperando a imagem da natureza feminina herdada da tradição cristã, judaica e oriental que tem o máximo expoente na figura da bruxa, um “monstro feminino” de grande transcendência no imaginário ocidental.

Escreve a mesma autora que, nesta perspectiva, ocorreu a deslegitimação dos saberes empíricos femininos mediante a demonização das curandeiras e parteiras que ficaram associadas a imagem de bruxas no discurso patriarcal que concebia a imagem das mulheres como seres de natureza impura, diabólica e monstruosa.

O demônio se constituía numa verdadeira obsessão para os homens e mulheres da época. O diabo era um ponto de referência para explicar tudo àquilo que carecia de explicação racional, desde as condições climáticas adversas até as más colheitas, as doenças e o nascimento de crianças com deformidades físicas. A imagem do demônio era associada a animais tais como bodes, sapos, lobos e gatos e a figuras humanas de aspecto lúgubre e traços grotescos. Imagens alimentadas pela descrição dos pregadores e teólogos que alimentavam a imaginação popular e a inspiração de artistas que deram forma plástica a este imaginário. Daí ser compreensível a relação entre o olhar maléfico do monstro Basilisco ao das mulheres.

A desqualificação das curandeiras medievais constitui um primeiro ataque contra o conhecimento empírico que tem as mulheres sobre seu corpo, e corresponde a um

enfrentamento entre o conhecimento empírico das mulheres e o conhecimento anátomo-científico masculino; um enfrentamento chave na medida em que aconteceu em um contexto marcado pela implantação da medicina como profissão e para cujo exercício se exigia uma formação universitária que excluiu as mulheres da sua prática (BETETA MARTÍN, 2009).

Contudo, os fundamentos aristotélico-galênicos sobre a inferioridade feminina não devem ser confundidos com a misoginia medieval, embora lhes sirvam de referência teórica.

Considerações finais

Assim, podemos concluir, que a contribuição dos tratados médicos de Trótula, cujo diagnóstico para uma série de doenças da mulher, refletem a sobrevivência das noções da fisiologia da mulher da Antiguidade e indicam que Trótula aderiu à medicina hipocrático-galênica: adotando a teoria dos humores, reconhece a menstruação como uma purgação necessária para manter o equilíbrio da saúde da mulher. Sua preparação teórica tomou por base os estudos de Hipócrates (460-377 a.C.), Galeno (129-200 d.C.), Dioscórides (40-90) e Oribásio (325-403 d.C.), autores resgatados pela medicina árabe.

Apesar das sua relevante contribuição ao conhecimento da saúde feminina, especialmente aos relacionados à ginecologia, obstetrícia, sexualidade e estética, o seu legado foi profundamente atingido pela misoginia que tentou apagá-la da história da medicina, sendo depois finalmente reconhecida pela história.

A misoginia como ideologia é a visão da mulher como portadora do mal e o temor com relação às mulheres, a qual foi incorporada no pensamento cristão e percorreu séculos na história humana, constituindo-se como elemento formador da suposta inferioridade feminina. Justifica práticas culturais e relações intersubjetivas na assimetria entre o masculino e o feminino, desenvolvendo sentimentos de inferioridade e culpabilidade na mulher. Assim, a misoginia não é uma invenção, mas um fato histórico (DELUMEAU, 2009).

Para finalizar, a obra “The complete master-piece” de Pseudo-Aristóteles organizada pelo médico inglês William Salmon (1644-1713), encerra-se com o seguinte poema:

Assim os segredos das mulheres examinei

E deixei-as ver como são feitas de forma curiosa:

*E que, embora sejam de sexo diferente,
 No conjunto são o mesmo que nós:
 Pois os mais esforçados pesquisadores
 Descubrem que as mulheres são apenas homens com a parte de fora
 virada para dentro:
 E os homens, basta que lancem um olhar em torno
 E talvez descubram que são mulheres, mas com a parte de dentro
 virada para fora.*

A bióloga do desenvolvimento Clara Pinto-Correia (1999, p. 326) faz o seguinte comentário sobre esse poema: “surpreendentemente, não é de todo ridícula, à luz da moderna biologia do desenvolvimento, a ideia dos dois sexos unidos em apenas um. O corpo dos mamíferos é inicialmente programado para expressar o fenótipo feminino, a menos que o cromossoma Y mude a regra após o início do processo”.

Portanto, “por ironia do destino”, no início todos os mamíferos são fêmeas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. A menstruação e a misoginia ocidental. In: **Historiae Rerum Naturalium**: ensaios histórico-culturais sobre as ciências biológicas. V.II, Recife: EDUFRPE, 2016, pp.264-274.
- ARISTOTLE. **Generation of Animals**. Trad. A. L. Peck. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.
- BETETA MARTÍN, Yolanda. Mujeres. Representaciones de la sexualidade feminina y educación de las mujeres. **Arenal**: 16(2): pp.213-232, 2009.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Duas noções fundadoras da construção da inferioridade feminina: o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha. **Fazendo Gênero** 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

- CANET VALLÉS, José Luís. La mujer venenosa en la época medieval. Valencia: **LEMIR: Revista de Literatura Española Medieval y del Renacimiento**, n. 1, 1996.
- GALEN. **On the Usefulness of the Parts of the Body**. Trad. Margaret Tallmadge May. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1968.
- GREEN, Monica H. **The ‘Trotula’: A Medieval Compendium of Women’s Medicine**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.
- ISIDORE OF SEVILLE. St. Isidore Hispalensis Episcopi, **Etymologiarum sive Originum** libri xx. Ed. W. M. Lindsay. Madrid: PAC, v. II, 1962, XI. ii. pp. 17-19, 23-24.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, Jacob. **O martelo das feiticeiras: Malleus maleficarum [1484]**, Rosa dos Tempos, 2011.
- MAGNUS, Albertus. **De secretis mulierum**. Amstelodami: apud Iodocum Ianssonium, 1648.
- MASIERO, Luciana Maria. Escola Médica Salernitana, procedimentos cirúrgicos estéticos e Trotula de Ruggiero: um trabalho de campo em Salerno (Itália). **TRIM**, 11: pp. 27-44, 2016.
- OLIVEIRA E PINHO, Lúcia Regina; BROCHADO, Cláudia Costa. A cultura médica disponível na Escola Médica Salernitana e sua presença nos tratados de Trótula. Seminário de Estudos Medievais na Paraíba (5.: 2019: Joao Pessoa, PB). **Anais do V Seminário de Estudos da Paraíba, 27 a 29 de novembro de 2019. Idade Média: perspectivas multidimensionais**. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, pp. 77-87, 2020.
- PINTO-CORREIA, Clara. **O ovário de Eva: a origem da vida**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- SIMONI, Karine. De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula De Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. **Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010.
- SMAILI, Soraya. Os árabes e suas contribuições para a ciência e medicina. **Instituto da Cultura Árabe**, 23.10.2009.
- TERRIZZANO, Agustina. Mujeres Médicas: Trótula de Salerno: el mito que fue realidade. **ALMA Cultura y Medicina** - v.4, n. 3, 2018.